

Recepção em Soweto comove FH

■ Presidente diz que teve no bairro que simboliza luta contra o racismo “momento mais emocionante” desde que assumiu mandato

Joanesburgo, África do Sul — José Roberto Serra

ALEXANDRE MEDEIROS
Enviado especial

JOANESBURGO, ÁFRICA DO SUL — A recepção foi digna de um rei africano, mas o visitante era o presidente do Brasil. As crianças tentavam conseguir um aperto de mão, enquanto senhoras idosas ousavam furar o bloqueio da segurança para roubar um beijo. Mesmo os homens mais velhos, que ali viveram os terríveis anos do *apartheid*, fizeram questão de vestir roupa de domingo e botar no pescoço colares com as cores do Congresso Nacional Africano — verde, amarelo e preto —, o partido do presidente Nelson Mandela. A manhã de ontem no Soweto, bairro que se tornou símbolo da luta contra o racismo, jamais sairá da memória de Fernando Henrique Cardoso.

“Foi o momento mais emocionante desde que eu assumi a presidência do Brasil”, declarou ele, com os olhos cheios d’água. Em seu segundo dia de visita oficial à África do Sul, o presidente estava em estado de graça. Seu primeiro compromisso, já em Soweto, foi uma visita ao *Funda Community College*, centro de arte onde teve a chance de ver pinturas que retratam os anos do *apartheid*. Feita por artistas negros de Soweto, as pinturas mostram a amargura e a esperança de quem sobreviveu ao grande massacre de 1976, quando pelo menos 100 pessoas — esse é o número mais usado no bairro — foram assassinadas pela polícia do governo racista. O presidente e a primeira-dama Ruth Cardoso logo perceberam que a manhã seria difícil de esquecer.

O *Funda College* — *funda* significa aprender, em zulu — dá cursos de arte a 600 alunos e no ano que vem pretende ampliar as vagas para mil. Ali estudam adultos e crianças, que aprendem pintura, música e escultura. Emocionada, D. Ruth nem se importou quando o governador da província de Gauteng, onde fica Soweto, Tokyo Sexwale, trocou seu nome por Rebeca.

“Sowetos” — Já o presidente lembrou seus primeiros estudos acadêmicos: “Fiz pesquisas sobre as relações sociais no Brasil e visitei centenas de Sowetos em meu país. A teoria em vigor na época era a de que não havia preconceito racial. Mas há e havia preconceito no Brasil. Temos uma importante parte de nossa sociedade vivendo na pobreza”, afirmou.

Fernando Henrique deu de presente ao reitor do *Funda*, B. W. Mgcobo, dois jogos de camisa da Seleção Brasileira de futebol, duas bolas e ainda 100 camisetas com a inscrição *Brasil é um país de ouro*. Recebeu em troca uma linda escultura de madeira. Cercado por negros, fez uma brincadeira: “Pelé, meu ministro dos Esportes, só não veio comigo porque senão ele é que ficaria em evidência, não eu”. Na saída, Fernando Henrique voltou a falar do preconceito racial no Brasil. “Alguns Sowetos brasileiros melhoraram. Outros, não. Nas zonas mais pobres do país, há grande concentração de negros”, lembrou.

A comitiva presidencial foi recebida com festa na principal entrada de Soweto, onde está o memorial de Hector Peterson, menino negro de 13 anos incompletos que tombou morto exatamente ali, em junho de 1976. As mães de Soweto fizeram um som estriden-

te com as línguas, uma espécie de assovio que é uma tradição africana de boas-vindas aos visitantes. Ao lado de Dorothy Peterson, mãe de Hector, Fernando Henrique depositou flores no memorial. Ouviu de um menino de 13 anos um poema descritivo do massacre de três dias que chocou o mundo, entre 16 e 18 de junho de 76.

“Pessoas morreram nesse lugar”, lembrou o garoto, que recita o mesmo poema aos turistas que hoje visitam Soweto com uma curiosidade histórica. Ao redor do memorial, há quatro containers com fotos do massacre. Em um deles, o presidente comprou o livro de fotografias *June 16*, registro impressionante do assassinato em massa de duas décadas atrás. Antes de prosseguir na visita, Fernando Henrique se despediu de Dorothy Peterson e das mães negras que estavam ali para recebê-lo: “Vocês sofreram muito, mas agora tem a possibilidade de ter uma vida de paz”. Recebeu de presente um cachecol de lã com as cores do Congresso Nacional Africano, honraria poucas vezes reservada a brancos, na insensidão do 2,5 milhões de negros que vivem em Soweto.

Sisulo — Mais a emoção maior estava reservada para o final. A 200 metros do memorial, em uma rua que leva seu nome, o líder negro Walter Sisulo, de 84 anos, estava abrindo a porta de casa para Fernando Henrique e D. Ruth. “É a primeira vez que ele recebe um chefe de Estado em sua casa. Isto é histórico”, acentuou o governador Sexwale. O presidente ficou 20 minutos com Sisulo e sua mulher, Albertina, enquanto lá fora os negros de Soweto se aglomeravam na rua. Sisulo é tão respeitado quanto Mandela no bairro, e não são poucas as vezes em que o presidente Nelson Mandela manda buscá-lo para tomar conselhos.

“Sisulo e Mandela cresceram juntos, lutaram juntos e juntos foram para cadeia. Sisulo foi libertado um pouco antes de Mandela, ficou vinte e sete anos na prisão. Quando saiu não quis cargo no governo. Preferiu ficar em Soweto, onde sempre viveu”, contou o governador Sexwale. A irmã de Sisulo, Florence, confirmou: “Ele gosta daqui. O nome da rua é em sua homenagem. Ele conversa sempre com Mandela”, disse ela, em frente ao número 7372 da Sisulos’ Street.

Quando deixou a casa do líder negro, Fernando Henrique ainda tinha os olhos úmidos. D. Ruth enxugava uma lágrima com a mão. “Ele me disse que foi com a luta que eles conseguiram transformar a África do Sul. Se hoje há aqui um clima de liberdade, precisamos lembrar que muitos morreram e outros, com ele e Mandela, foram presos”, disse o presidente, muito emocionado.

Ao seu lado, com a voz baixa e as mãos trêmulas, Walter Sisulo se despediu com carinho: “Sabemos que os povos do Brasil e da América Latina nos deram um maravilhoso apoio. Ganhamos a luta porque tivemos a confiança de vocês. Não preciso falar mais, por hoje já fiz meu trabalho. A sua presença aqui é muito estimada. Vamos lembrar sempre dela”. Fernando Henrique agradeceu com um abraço e deixou Soweto cercado por crianças negras que lhe davam adeus.



População de Soweto, onde vivem 2,5 milhões de negros, foi às ruas para receber Fernando Henrique, que terminou visita com lágrimas nos olhos